

O nacionalismo como ideologia da desconversa

MAURÍCIO TRAGTENBERG*

A população brasileira, especialmente os assalariados urbanos e rurais, tem baixo envolvimento ideológico, tanto quanto as classes dominantes.

Os primeiros, especialmente após a Revolução de 1930, com a criação do Sindicato Único atrelado ao Estado que vive da contribuição sindical e taxa assistencial descontada compulsoriamente de quem trabalha, na sua maioria, estão **fora** dos sindicatos e dos partidos políticos. Há categorias operárias, em que 70% não conhecem o nome dos diretores, 60 a 70% não sabem onde está instalada a sede de **seu** sindicato.

No que tange aos partidos políticos, é válida a afirmação de Oliveira Vianna: “não são entidades de direito **público**, são entidades de direito **privado**.” O proletariado urbano até bem pouco tempo seguia **coronéis urbanos** (Prestes, Getúlio Vargas), a classe média mais qualificada e alguns setores operários seguiam Jânio, a classe média desqualificada e o ‘lúmpen’ seguiam Adhemar de Barros, enquanto ‘líder carismático’. Quanto aos partidos ideológicos, Ação Integralista Brasileira ou PCB, víamos o primeiro, na sua

maioria, integrado pela classe média urbana e setores da burocracia civil e militar que seguia Plínio Salgado como ‘Chefe Nacional’; o segundo só fora partido de massas entre 1933/35 e 1945/7 atrás do carisma prestista.

A classe dominante brasileira que tem o poder econômico ‘brincava’ de formar partidos políticos. A União Democrática Nacional era desunida, planejava golpes de Estado (vide 1964) e era **pouco** nacional; o Partido Social Democrático era pouco democrático e no plano social, um zero à esquerda. Como hoje, o Partido Democrático Social nada tem que ver com o título e o Partido Trabalhista tem tudo, menos trabalhadores de linha na sua direção, vive da exploração política de um morto cujo carisma sua sobrinha pretende incorporar; é o carisma de Getúlio que Ivete quer reproduzir.

Isso não impediu a ‘sagrada união’ desses partidos com facções do PMDB na votação da lei de arrocho, exigida pelo Fundo Monetário Internacional.

E o nacionalismo o que tem que ver com isso?



* **MAURÍCIO TRAGTENBERG** foi cientista político e professor do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. (In memoriam).



Entendo que o ‘nacionalismo’ como fenômeno na política nacional emerge após 30 com o ‘Tenentismo’ disposto a reformas sociais e políticas. Porém, Getúlio ao nomeá-los **capitães**, ‘cooptou-os’, integrando-os à máquina do Estado Novo.

A Ação Integralista Brasileira leva adiante a bandeira nacionalista por mediação de Plínio Salgado, que procura unir a ideologia nacionalista à defesa da pequena propriedade e sua extensão em nível nacional. Seu ódio à industrialização e urbanização define, nesse contexto, uma ideologia de **nacionalismo defensivo**, que não procura como o fascismo a **expansão externa, militar ou não**. Tem apoio nas classes médias urbanas, pequenos proprietários rurais, grandes latifundiários e setores civis e militares da burocracia estatal.

Vargas utilizou-a para subir ao poder, eliminando-a após tê-lo em suas mãos, devemos lembrar que o integralismo provém das Ligas Nacionalistas criadas na 1ª República, quando Olavo Bilac criava um ‘nacionalismo patrioteiro’ parnasiano. As Ligas se constituíam numa resposta **conservadora** aos movimentos sociais operários urbanos vinculados ao socialismo libertário em São Paulo, ou à social-democracia alemã, no Rio Grande do Sul, na mesma época.

Com Vargas, assistimos a emergência de um nacionalismo **tático** fundado com a implantação do ‘Estado Novo’ (1937/45), porque sua ideologia era **ausência** de qualquer ideologia, daí sua fama de ‘político’. Com a 2ª Guerra e a industrialização conjuntural que era sua decorrência no País, Vargas emerge como um ‘líder industrialista’. Ao mesmo tempo, cria o ‘sindicalismo de controle’ já em 1931, atrelado ao estado,

onde ele no topo executava suas funções como ‘pai dos podres’.

Com Juscelino, teremos o célebre ISEB vinculado ao Ministério de Educação e Cultura – que, segundo ele – tinha como única bandeira ‘amar ao Brasil’.

O nacionalismo isebiano lutava ‘pelos interesses superiores da Nação’, criticava aqueles intelectuais que não compreendiam as **‘nações subdesenvolvidas’**, considerava-se expressão autêntica ideologia, porque independente dos interesses específicos de cada classe, o ISEB formulava uma **ideologia para a comunidade como um todo**. Concebia uma sociologia **nacional** (desalienada), não falava de capitalismo, mas sim, de nação dependente.

Via a **contradição principal** entre a periferia e a metrópole e, no nível interno entre o setor moderno (industrial) e o arcaico (latifúndio).

Através de seus ideólogos, o ISEB definia as contradições fundamentais no Brasil; **Alvaro V. Pinto** pregava a união entre o proletariado e a burguesia autóctone contra o imperialismo e a burguesia industrial alienada; **Cândido Mendes** unia o empresariado aos assalariados num bloco contra o latifúndio expansionista; **Guerreiro Ramos** unia a burguesia nacional mais o proletariado contra os setores vinculados à estrutura colonial; **Hélio Jaguaribe** unia a burguesia nacional à classe média produtiva e o empresariado contra a burguesia latifundiária mercantilista e a classe média cartorial; **Nelson W. Sodré**, pregava a união entre a burguesia nacional, pequena burguesia e o operariado contra a burguesia latifundiária e o imperialismo; finalmente, **Roland Corbisier**, unia os industriais ‘autóctones’ ao proletariado urbano e à lavoura tecnificada contra o imperialismo, burguesia latifundiária-



mercantil e classes médias parasitas, conforme Caio N. Toledo, '**Iseb, fábrica de ideologias**', Ed. Ática, 1977, págs. 130/1.

Qual foi a prática de JK, oposta ao nacionalismo isebiano, do qual aproveitou a teoria desenvolvimentista? Sobre sua égide houve a internacionalização da economia, que os militares após 64 aprofundaram às últimas conseqüências com a 'involução nacionalista'. Seu 'desenvolvimento' **enriqueceu** os mais pobres.

Por isso, entendo que o **surto nacionalista** perceptível apenas no nível do **discurso** é hoje fruto da crise

conjuntural. Para a classe dominante no Brasil, pode ser uma arma para **regatear** com o capitalismo mundial maiores facilidades para si.

O nacionalismo que opõe frações de industriais e banqueiros, classe média contra estes e o capital internacional, define contradições **secundárias** no sistema. A intelectualidade classe média assumindo-o poderá usá-lo para ascensão social nos 'aparelhos do Estado'. É o 'interesse nacional' **ideal** e o interesse classista particular o **real**. Para o proletário urbano e rural nada significa, mais envolventes têm sido os 'saques' para saciar a fome.